

**A consolidação do campo literário cearense e do público leitor em fins do século XIX:  
o caso da *Padaria Espiritual* e outros grupos de homens de letras**

**Luciana BRITO\***

**Ricardo André Ferreira MARTINS\*\***

**Resumo:** Em fins do século XIX, em um contexto de declínio econômico e político do Ceará – assim como de todo o Norte e Nordeste brasileiro –, a despeito dos recursos cada vez mais escassos, registrou-se uma atividade artística intensa e fecunda, sobretudo a literária, em Fortaleza. Grupos de intelectuais e homens de letras concorreram entre si na fundação de agremiações, movimentos literários, espaços de sociabilidade artística, intelectual e até científica, onde discutiam os mais variados assuntos, em particular os literários. A literatura, dessa forma, assumiu papel central na criação de uma atmosfera e na constituição de um verdadeiro campo literário, o que permitiu a acumulação do capital simbólico em forma de *habitus* e o escritor tivesse considerável protagonismo social na formação de um público leitor. Neste artigo, procura-se investigar como tais grupos de homens de letras, em particular o movimento da *Padaria Espiritual*, foram de extrema importância para a história da literatura cearense, em virtude da manutenção de revistas e jornais literários veiculados por essas agremiações.

**Palavras-chave:** Campo literário. Capital simbólico. Imprensa. Literatura Cearense. Homens de letras.

**The consolidation of the *cearense* literary field and the public reader in the end of the  
19th Century: the case of the *Padaria Espiritual* and other groups of men of letters**

**Abstract:** At the end of the 19<sup>th</sup> century, in a context of economic and political decline in the state of Ceará – as well as throughout the North and Northeast regions of Brazil – despite the increasingly scarce resources, there was an intense and fruitful artistic activity, especially the literary, in Fortaleza. Groups of intellectuals and men of letters competed among

---

\* Professora Doutora Associada - Departamento de Letras e Diretora do Centro de Letras, Comunicação e Artes do campus Jacarezinho – Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Jacarezinho, Brasil. Rua Padre Melo, 1200, Centro | Campus Universitário | CEP 86.400-000 | Jacarezinho – PR. E-mail: lbrito@uenp.edu.br

\*\* Professor Doutor Adjunto - Departamento de Letras e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Humanidades do campus Jacarezinho – Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Jacarezinho, Brasil. Rua Padre Melo, 1200, Centro | Campus Universitário | CEP 86.400-000 | Jacarezinho – PR. E-mail: ricardo.martins@uenp.edu.br

themselves in the founding of associations, literary movements, spaces of artistic, intellectual and even scientific sociability, in which they discussed various subjects, particularly the literary ones. Literature, therefore, assumed a central role in the creation of an atmosphere and in the constitution of a true literary field, which allowed the accumulation of symbolic capital in the form of *habitus* and that the writer had considerable social role in the formation of a readership. In this article, we seek to investigate how such groups of literary men, in particular the Spiritual Bakery movement, were extremely important for the history of the literature of Ceará, due to the maintenance of literary magazines and journals carried by these groups.

**Keywords:** Literary field. Symbolic capital. Press. Literature in Ceará. Men of letters.

Nicolau Sevcenko (1989), ao analisar a posição social do intelectual brasileiro no Rio de Janeiro do final do século XIX e início do século XX, trabalha com a tese de que a atividade literária era uma forma de ascensão social, não deixando de destacar o grande espaço ocupado pela imprensa, veículo de grande penetração do período. Com efeito, a atividade literária no Brasil constituiu-se, em termos da formação de campo, assim como em outros países, em um dos epicentros da constituição da vida cultural de nosso país, cuja sociabilidade, sobretudo entre os escassos grupos de homens e mulheres letrados, era determinada, dessa forma, em grande parte, pelos efeitos sociais do prestígio que o exercício de uma atividade letrada – e a literatura, por sua vez, considerada a mais nobre e respeitada entre todas – gerava não apenas entre os pares, mas em toda a sociedade:

Não há dúvida, pois, de que a literatura, graças em grande parte ao carisma prodigioso herdado do Romantismo do século XIX, gozava de um prestígio ímpar neste período, soando mesmo como um sinônimo da palavra *cultura*. Políticos, militares, médicos, advogados, engenheiros, jornalistas ou simples funcionários públicos, todos buscavam na criação poética ou ficcional o prestígio definitivo que só a literatura poderia lhes dar. A *Belle Époque* foi sem dúvida a época de ouro da instituição literária, tanto no Brasil como na Europa e em todo o mundo marcado pela influência cultural européia. (SEVCENKO, 1989, p.226).

Ou seja, ao longo do século XIX, desde o Romantismo até o advento dos intelectuais e homens de letras que definirão o perfil do sistema literário de nosso país, ainda em franca constituição, o papel da fundação de agremiações e movimentos literários foi decisivo, em termos de formação da identidade e da nacionalidade, para a sedimentação do *habitus* de diversos campos de atuação intelectual, cujos agentes sociais concorriam no intuito do estabelecimento da própria noção de cultura e de um modo próprio de vivê-la e dela usufruir seus benefícios em termos políticos, intelectuais, artísticos, ou, para sermos mais precisos,

com a finalidade de acumulação de *capital simbólico*, tal como o definiu Pierre Bourdieu (1989):

O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio. [...] Resulta daqui, entre outras consequências, que o capital simbólico se incorpora no capital simbólico, não só porque a autonomia, real, do campo de produção simbólica não impede que ele permaneça dominado no seu funcionamento, mas porque também as relações de força objectivas tendem a reproduzir-se nas relações de força simbólicas, nas visões do mundo social que contribuem para garantir a permanência dessas relações de força. (BOURDIEU, 1989, p. 145).

Em outros termos, trata-se aqui de uma questão de “crença” na distinção, conforme Bourdieu, considerando que os agentes do campo literário, tal como sucede em outros campos sociais, operam, no interior do campo, movidos pelo fato de acreditar e praticar as regras de funcionamento do próprio campo. Isso quer dizer que os homens de letras, ou ainda bacharéis e letrados de todo tipo, oriundos de outros campos de atividade social, emprestam à literatura e à sua prática um valor intrínseco em si mesmo, como ademais todos os valores atribuídos às outras ordens de atividades humanas às quais são conferidos valores que se creem imanentes, próprios, naturais, mas que são resultado direto das relações de força entre os agentes sociais do campo. No caso do campo literário, os homens de letras, os escritores, os intelectuais, os bacharéis, e todos aqueles que atribuem à literatura, em termos objetificados, um valor que ela só possui em termos simbólicos, porque todo o *poder simbólico* e, por conseguinte, o capital simbólico que ela gera só podem existir enquanto abstrações do mundo social, se todos os agentes do campo acreditam que ela o tem, mas cuja “existência” imaterial só é possível por meio da convenção e da atribuição de valores puramente culturais. Logo, da mesma forma que em outras culturas, a literatura no Brasil assumiu, no interior do campo e do sistema literário em gestação, a força de um capital simbólico a ser acumulado para dar origem a outro capital simbólico, que é o prestígio decorrente da atividade literária e, portanto, da respeitabilidade que todos adquiriam ao exercê-la:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico da mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isso significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force”, mas que se define numa relação

determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura de campo em que se reproduz a *crença*. (BOURDIEU, 1989, p. 14-15).

No Ceará não foi diferente. Assim como acontecia em todo o Brasil do século XIX, homens letrados e grupos diversos de letrados, ansiosos desde o Romantismo por criar instituições de ampla respeitabilidade social e em gestar, em nossa nascente sociedade, uma cultura capaz de se ombrear aos grandes centros civilizatórios do mundo moderno, esforçaram-se no intuito de criar grupos, agremiações e movimentos capazes de nos dotar de um perfil semelhante ao ostentado, sobretudo pelos países europeus, então centros de emanção literária, filosófica e científica dos finais dos oitocentos. Claro que em tudo isso, da perspectiva do presente, redundava em puro eurocentrismo, em que pese o fato de que, desde a Revista Niterói (1836), periódico considerado o ponto de partida do Romantismo brasileiro, houve um esforço concentrado por dotar o Brasil de uma cultura e identidade autônomas, particularmente em relação à antiga metrópole, e, desse modo, permitir que a literatura no Brasil tivesse feições próprias e desenvolvidas, cujos sinetes da diferença pudessem ser ostentados como símbolos da pujança de um país que já nascia dotado de uma elite capaz de pensar a si mesma e de liderar seu próprio país ao encontro de seu destino.

O espectro do fenômeno da fundação de movimentos, agremiações e grupos de homens de letras manifestou-se, portanto, ao longo de todo o país, em todas as suas províncias, e no Ceará deu-se o mesmo. Em 1870, por exemplo, a historiografia literária local cita a fundação de um grupo chamado *Fênix Estudantil*, o qual supostamente marca o início da conscientização dos intelectuais de classe média que buscavam afirmação social por intermédio do mundo das letras, embora a existência real deste grupo de homens de letras careça de fontes históricas para atestá-la. No entanto, a despeito da ausência de fontes documentais, a historiografia literária local cita, com muita ênfase, a suposta fundação da *Fênix Estudantil* como um “sodalício de rapazelhos” (BARREIRA, 1948, p. 85), em torno do qual se reuniram homens de letras estranhamente muito jovens, como Rocha Lima, aos 15 anos, João Lopes, com 16 apenas, e Fausto Domingues, aos 19.

Logo em seguida, em 1872, surge a Academia Francesa que, assim como a primeira, também reúne os mais bem preparados intelectuais da classe média como Tomás Pompeu, Rocha Lima, Capistrano de Abreu, João Lopes Ferreira Filho, Xilderico Araripe, que acreditavam no aperfeiçoamento intelectual como forma de ascensão social. Tempos depois, surgiram outros grupos de intelectuais oriundos da classe média, como o Gabinete Cearense de Leitura, o Centro Literário, a Academia Cearense de Letras e, por fim, a Padaria Espiritual. De acordo com o crítico José Ramos Tinhorão (1966), particularmente

em sua obra *A província e o naturalismo*, essa nova classe que surgia, ou seja, a classe média, rompia com o dualismo que dominava Fortaleza: de um lado as famílias ricas, de outro a imensa população miserável. Ou seja, segundo o autor, foi de extrema importância, para o surgimento de movimentos culturais e grupos beletrísticos como a Padaria Espiritual, as condições econômicas gerais. Em outros termos, de acordo com Tinhorão, autor afeiçoado a uma visão econômica algo “determinista” de sociedade, em razão de sua crença pessoal de que as oscilações econômicas são as responsáveis diretas pelo surgimento e desenvolvimento dos movimentos de homens de letras em Fortaleza, todo o conjunto de atividades humanas ligadas ao domínio das letras, das artes e das ciências estão conexas ao interesse econômico de determinadas classes na estrutura mais ampla do sistema capitalista, ou, mais especificamente, a *superestrutura*.<sup>1</sup> Ora, tais fatores estão mais especificamente ligados, nos termos de Bourdieu (1989), às questões diretamente associadas à acumulação de capital simbólico, como também de poder simbólico, pois se trata da movimentação de prestígio e reconhecimento como capital simbólico, com a finalidade de agenciar o poder simbólico no campo literário. E, portanto, no intuito de obter cada vez mais poder em outros campos sociais.

Não à toa Tinhorão afirma, portanto, que, a partir de 1870, dá-se no Ceará o surgimento das então nascentes classes médias, que em Fortaleza vão criar uma nova estratificação social, jamais possível em uma economia de base rural, até então. Às vezes ligadas, por laços de família e compadrio, à tradicional aristocracia rural, as novas classes médias do Ceará são as responsáveis diretas pelos movimentos de letras e artes, de forma que o movimento da Academia Francesa, de 1873, é a representação mais patente do desejo de acumulação de capital simbólico por parte dos membros dessa nascente classe social, cujos interesses políticos liberais e “filosóficos” refletem o amplo desejo de uma burguesia urbana, particularmente em Fortaleza, pela implantação de novos valores, considerados mais modernos e civilizados, por meio da divulgação de ideias novas (TINHORÃO, 1966, p. 44). Destarte, a criação de novos grupos e movimentos considerados mais afinados a esta desejada modernidade tornava-se a tônica de uma sociedade que aspirava por respirar novos tempos.

Em Fortaleza, com o fim dos movimentos em prol da campanha abolicionista e as mudanças ocorridas na estrutura socioeconômica, desaparece a possibilidade de associação de intelectuais em agremiações de *status* cultural-econômico que favorecessem a publicação de livros e revistas. Não dispondo de uma condição social mais estável que se equiparasse à dos intelectuais do império, os letrados encontravam-se como uma classe isolada em um meio cuja principal característica era a estagnação econômica. Anteriormente, no período monárquico, os intelectuais eram membros ou clientes da elite

monárquica, sendo assim, além de legitimados pela sociedade, encontravam-se no topo da hierarquia social. Diferentemente, com o advento da República, ocorre o fim do mecenato e estes passam a uma categoria social isolada, disputando a sobrevivência no concorrido mercado urbano recém-ativado e em pequenas participações no espaço político. Pode-se dizer que a vida intelectual estaria circunscrita, em geral, às instituições oficiais. Isso explica, por conseguinte, a migração de muitos intelectuais para a cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, como é o caso de Adolfo Caminha, Antonio Sales, entre outros. Segundo Tinhorão:

[...] essa parada se dava no instante em que a divisão do trabalho fazia atingir o seu ponto máximo a diversificação entre as classes sociais, provocando o aparecimento – no seio das famílias de posses médias – de novas gerações de jovens medianamente educados. A primeira consequência dessa freada no desenvolvimento se revelava, pois, na impossibilidade de absorver esses jovens em funções compatíveis com o seu grau de aperfeiçoamento intelectual. (TINHORÃO, 1966, p. 68).

A partir de 1870, portanto, o universo cultural em Fortaleza alterou-se muito em decorrência da circulação desses estudantes da classe média que, além de difundirem diversas leituras voltadas para o cientificismo dominante, também organizaram várias associações culturais. Sendo a principal promotora de intelectuais que iriam proporcionar o surgimento de diversos movimentos intelectuais no Ceará, a classe média, formada por empregados de grandes firmas, estudantes, amanuenses, profissionais liberais e pequenos comerciantes, defendia, de forma irrestrita o “[...] aperfeiçoamento cultural como critério de ascensão social, passando a interessar-se pelos três temas que apaixonavam igualmente as camadas urbanas da Corte: a literatura, a libertação dos escravos e a República.” (TINHORÃO, 1966, p. 24).

Os espaços de formação intelectual neste período, as trajetórias dos estudantes e os repertórios de leituras aí constituídos, definiram atitudes intelectuais que se deslocaram para as esferas sociais e para a atuação política a partir de 1880. Sabe-se que a década de 1880 foi extremamente rica em debates políticos e projetos reformuladores da estrutura social. O abolicionismo crescente revelou-se neste momento, as perspectivas políticas do movimento republicano encontraram seu cenário e as ideias evolucionistas e cientificistas marcaram estes e outros debates intelectuais do período. No que diz respeito à literatura, pode-se afirmar que esteve atrelada a todos esses assuntos citados, em geral tematizando-os. Acrescenta Tinhorão que:

No fundo, o que os representantes das novas camadas da classe média criavam era o mito da cultura, que pretendiam erigir em condição para

ascensão social, ao menos na nova estrutura que imaginavam todos – maçons, positivistas e republicanos – iria surgir da derrocada do regime monárquico. (TINHORÃO, 1966, p.33).

Dessa forma, o surgimento do movimento da Padaria Espiritual representou, para a provinciana e preconceituosa Fortaleza do século XIX, uma verdadeira inflexão nos valores de uma aristocracia que se recusava, em contexto regional, à chegada dos novos debates científicos, filosóficos e estéticos, então considerados a vanguarda do pensamento da época. O movimento dos “padeiros” beletrísticos chegou então, mediante uma atitude boêmia, jocosa, sarcástica e pilhérica, com o desejo de “estremecer” e “escandalizar” a conservadora sociedade cearense, sobretudo da capital, ao publicar o seu controvertido *Programa de Instalação*, uma espécie de manifesto com 48 artigos, e de seu jornal *O Pão*. Estava, assim, fundada a Padaria Espiritual, no dia 30 de maio de 1892, por meio da inquietação de um grupo de jovens escritores, poetas e artistas que resolveram batizar a si mesmos de “padeiros”, uma agremiação de caráter muito singular e “original”, voltada não apenas às letras, mas às artes em geral. Adolfo Caminha, sob o pseudônimo de Félix Guanabario, sobre o nascimento desse grêmio artístico e literário, assim se expressou após sua fundação:

[...] Perguntas-me, entre curioso e tímido, como é que nasceu a Padaria Espiritual.

Sei lá! Quem sabe a verdadeira origem das cousas? O que desde logo posso te ir dizendo é o seguinte: Aos tantos de maio de 1892, foram ao escritório do Diário, jornal em que eu trabalhava, dois rapazes (lembra-me que um deles trazia um pince-nez) convidar-me para fundar uma sociedade literária, cujo nome fosse Padaria Espiritual.

- Qual o programa? Inquiri depois de estranhar o título.

- Isso veremos. A primeira sessão preparatória realizar-se-á no Café Java, ali à Praça do Ferreira. Você está designado para escrever uma carta a Guerra Junqueiro.

- Como uma carta a Guerra Junqueiro?

- O Sales vai se dirigir a Ramalho Ortigão, o Tibúrcio a Eça de Queiroz, o Lopes Filho a Antonio Nobre. A você, coube-lhe Guerra Junqueiro.

- Mas, expliquem-se!

- Não é nada: uma ousadia, um escândalo, o que você quiser! Trate de fazer a correspondência para ser lida amanhã, no forno.

Ri-me embaraçado, com um ar tolo...

- Que devo escrever, então?...

- Fale ao Guerra sobre a Padaria e diga-lhe que queremos um exemplar da “Morte de D. João”, outro de Musa em Férias, outro da “Velhice”, enfim, um exemplar de cada obra dele para a nossa futura biblioteca. Uma coisa assim...

No dia marcado, ai pelas sete da noite, inaugurou-se publicamente a Padaria.

Antonio Sales desenrolou o programa, que fez rir muito a burguesia curiosa e leu a carta ao Ramalho.

*Estava, enfim, criada a Padaria Espiritual, essa Padaria de que hoje se fala na Rua do Ouvidor e a quem o sr Afonso Celso dedicou ultimamente o seu Um Invejado.*

Eis meu amigo como nasceu a Padaria [...] (CAMINHA, 1999, p. 127-128, grifos nossos).

A Padaria Espiritual nasceu, então, sob o estrépito e o signo da polêmica e da controvérsia, mas conseguiu, por meio de seu programa e atuação, fixar sua existência na historiografia literária local e nacional, tornando-se conhecida como o maior movimento literário cearense, com amplo reconhecimento em todo o país, pois inúmeros jornais publicaram, na íntegra, o seu *Programa de Instalação*. Desse modo, os “padeiros”, bem como muitos dos intelectuais do período, acabaram por enveredar pela carreira das letras na tentativa de conseguir algum status social – ou seja, em busca da acumulação de capital simbólico e poder simbólico –, acreditando nos seus dotes literários como forma de ascensão social. Contudo, os homens de letras, que se tornaram os protagonistas do movimento, não eram mais pertencentes exclusivamente aos quadros da aristocracia local, ou dela dependentes de forma direta. Em sua maioria, os sócios da Padaria Espiritual eram caixeiros, funcionários da alfândega, escritores menores, oriundos dos setores médios e baixos de Fortaleza e do interior cearense, que buscavam reconhecimento e ascensão social. Enveredar pelo mundo das letras e destacar-se como um talentoso literato seria uma conquista digna de louvor, em se tratando de rapazes que receberam as primeiras instruções educacionais no ambiente familiar ou nos gabinetes de leitura e que, portanto, não possuíam nenhum tipo de apadrinhamento ou linhagem familiar, apesar de possuir algum cabedal literário ou, nos termos de Bourdieu (1989), *habitus*<sup>2</sup> (CARDOSO, 2002, p. 51).

A restrita carreira de homem de letras, entre outras coisas, era vista como uma forma menos trabalhosa e árdua de ascensão social e, por consequência, de distanciamento das penosas jornadas de trabalho, em geral braçais. Do ponto de vista do *habitus*, os “padeiros” utilizam a metáfora do “pão” para aludir, em tom de ironia, ao fato de que não estavam a preparar fornadas de pão físico, mas de uma outra ordem de pão: um de natureza espiritual, alusão perfeita aos dons e talentos considerados espirituais, elevados e sublimes, necessários ao ingresso na carreira das letras e das artes, mas que eram, na verdade, um conjunto de aptidões e habilidades de natureza artística e intelectual, como o perfeito domínio da língua e a utilização de seus recursos expressivos a fim de se obter o discurso literário, que caracterizam, dessa forma, a natureza do próprio *habitus*, nos termos de Pierre Bourdieu. Ou seja, ao fabricar o pão espiritual da literatura e da arte, os “padeiros” estavam, com isso, almejando afastar-se das lides extenuantes dos trabalhos braçais, em uma sociedade que, tendo abolido a escravidão havia poucos anos, alimentava a visão distorcida



de que o trabalho, sobretudo o braçal, não oferecia a dignidade necessária ao homem, uma vez que estava conspurcado com o estigma social da escravidão e da sevícia. Discorrendo sobre o perfil do padeiro Antônio Sales, idealizador da Padaria Espiritual, diz Cardoso:

Ele fez parte daquela intelectualidade brasileira “oriunda dos aristocratas ou das baixas classes médias” (Bosi, 1994, p. 263), que a partir de 1870 viu nas “letras” um campo promissor para ascensão pública, política e social, e nos anos de 1890 ajudou na estruturação do novo regime, compondo aquilo que se habituou chamar de República dos Bacharéis. (CARDOSO, 2002, p. 51).

Preocupados com a ascensão social por intermédio do mundo das letras, era natural também a preocupação com a formação de um público leitor por parte dos padeiros, algo constatado nos ideais dos primeiros grupos intelectuais que se formaram na província. No primeiro número do jornal *A Quinzena*, por exemplo, como informa Studart (1942, p.200), João Lopes fala sobre a defesa das letras e o intuito de formar um público leitor no Ceará:

Não faltará quem considere arriscado, temerário mesmo, este empreendimento a que nos abalançamos. Se na capital do império, metrópole da civilização sul americana, o meio não é propício às letras e as publicações exclusivamente literárias mal podem, à custa de tenaz e mortificante sacrifício, romper a espessa crosta da indiferença pública para arrastar uma vida penosa e efêmera; na província, aqui por estes recantos do norte, parece desatino quebrar a homogeneidade beatificante rotineira da vida provinciana, para escrever sobre letras e artes e ciência. Vão assim objetar-nos os *homens práticos*, homens práticos que, por pouco que saibam, sabem belamente sentenciar ex-cátedra que o nosso público é infenso, senão hostil a isso de literatura “que não bota ninguém para adiante”. (LOPES apud STUDART, 1924, p. 200).

Durante as reuniões do Club Literário, os integrantes liam diversos livros, jornais e revistas, e apresentavam palestras sobre diversas áreas do pensamento. Promoviam também conferências públicas, em que defendiam a leitura, a literatura e outros ramos do conhecimento. Tendo também como interesse principal a formação de um público leitor no Ceará, o Gabinete Cearense de Leitura, um centro de estudo com quase dois mil volumes, sendo algumas obras raras, criou um curso de conferências públicas, aulas de língua e ciências e um curso noturno de instrução primária, cujo intuito era proporcionar um alargamento do domínio cultural dos cearenses, bem como um aumento do interesse pelas questões literárias. Diante desse quadro, criou-se, então, uma atmosfera propícia aos quadros letrados da elite e da classe média letradas reconhecer na atividade literária um fator de acumulação do prestígio em forma de capital simbólico, e que a literatura, em termos de poder simbólico, era, portanto, um instrumento de respeitabilidade e de

incremento do reconhecimento público. Restava apenas, dessa forma, que os grupos iniciassem uma cruzada pelo aumento do público leitor e da abrangência de sua influência como autores, intelectuais, homens de letras, a fim de que os resultados da acumulação do capital simbólico fossem colhidos.

Contudo, a notória falta de leitores, que tanto assustava e irritava os intelectuais do período, não escapou a Sílvio Romero, que escreveu o seguinte nas páginas de sua *História da literatura brasileira*:

No meio de tudo isto, quem entre nós escreve e quem entre nós lê? Não são, de certo, os lavradores, os negociantes, os criadores, os industriais, os políticos nem os administradores. Somente as classes acadêmicas e alguns empregados públicos saídos dessas classes. É a regra geral. (ROMERO, 1902, p.96-97).

Dessa forma, as considerações do intelectual sergipano aplicam-se inteiramente ao caso cearense. Adolfo Caminha, em uma de suas crônicas “Sabatina”, ao criticar a cidade de Fortaleza, argumenta que:

A capital do Ceará, encantadora como uma perola do Oriente, bela como a conheceis, é, entretanto, uma cidadezinha sofrivelmente atrasada com laivos de civilização. Si temos duas livrarias, em compensação não lemos livros que prestem. Para matar o tédio que nos mina e consome a existência, somos obrigados a ir, às quintas-feiras e aos domingos, ali ao Passeio Público exibir a melhor de nossas fatiotas e o mais hipócrita e imbecil de nossos sorrisos. Não vivemos – vegetamos. (CAMINHA, 1892, p. 01).

Cientes das limitações do meio e da necessidade de cativar os leitores aos poucos, suavemente, procuraram lançar mão de textos simples, de uma linguagem sedutora e digestiva, atravessada pelo humor e pela ironia, em tom coloquial e muitas vezes pilhérico, com a finalidade de que despertasse o interesse do leitor tanto pela leitura do texto ficcional como do de crítica. Entre os recursos mais utilizados estão a crônica e o noticiário literário. No texto do primeiro, ironia, polêmica e crônica ligeira misturavam-se a pequenas considerações de ordem literária, desse modo transmitindo, indiretamente, informações literárias aos leitores. O segundo caracteriza-se por informar o público sobre a existência de autores e obras literárias, procurando despertar sua curiosidade para a leitura das mesmas, ao mesmo tempo que aumentava seu restrito conhecimento literário. Dessa forma, além de sanar os problemas relacionados com as dificuldades eventuais de edição da obra em volume, também era uma interessante oportunidade de lançar uma espécie de balão de ensaio, por meio do qual poderiam sondar a aceitação do público.

Em um ensaio crítico sobre o escritor espanhol Campoamor, o padreiro José Carlos Júnior, primeiramente, informa sobre a vida do artista:

Don Ramon de Campoamor nasceu na cidade de Návía (Astúrias) a 21 de setembro de 1817.

Quando, entre os 25 e os 30 anos, publicou seus primeiros volumes de poesias (*Ternezas y flores*, *Ayes del alma*) já ele tinha feito estudo acurado e seguro dos mestres da poesia espanhola, e, dotado dessa rara aptidão para comparar, discernir e julgar com rapidez e segurança, que é o grande privilégio dos homens verdadeiramente superiores, tinha já as suas opiniões formadas e uma boa orientação para os seus trabalhos literários.

É ele, pois, um dos raros talentos que desde os primeiros ensaios obedecem a uma impulsão consciente, bem encaminhada e segura. (JÚNIOR, 1895a, p. 04).

O crítico, além de informar sobre a vida do escritor e seus primeiros trabalhos, se preocupava, sobretudo, em formar o seu perfil psicológico, considerando-o um homem superior que segue uma “impulsão consciente e segura”. O meio em que se formou também é muito importante, pois, para o crítico, muito da formação literária de Campoamor deve-se ao estudo “acurado” e “seguro” dos mestres da poesia espanhola. Trata-se aqui, naturalmente, de um caso extremado de desvio do âmbito literário. Mas é este, em geral, o perfil dos textos críticos da época, em geral noticiários, impregnados de leituras impressionistas e do método da crítica biográfica, em mistura com elementos da crítica determinista do período: informação biográfica, situando nos primeiros parágrafos o autor – com seu caráter, seus hábitos peculiares – e mais algumas linhas buscando encontrar analogias entre traços da obra e da personalidade. Esses dados biográficos iniciais, além de darem segurança ao crítico para o enfrentamento com a obra e serem essenciais para um estudo que se preocupa com o psicológico, privilegiando a tríade de Taine, também ajudam a montar o perfil de um escritor que não é conhecido pelos leitores cearenses.

Num segundo ensaio, o crítico volta a falar da biografia de Campoamor:

Enquanto ia espalhando pela imprensa em pequenos volumes as *Doloras*, D. Ramon de Campoamor, de versatilidade e talento admirável, não se descuidava de dar a sua atividade outras aplicações, que revelaram a pujança de seu múltiplo talento.

Com efeito o deleitoso poeta-filósofo é também um médico distinto, político militante, historiador, e tem um tirocínio brilhante na administração.

Assim, ao mesmo tempo que desempenhava os cargos de prefeito de Castellon, governador das províncias de Alicante e Valência, sub-secretário no ministério da fazenda e deputado às Cortes, ele publica a sua *História crítica das Cortes reformadoras*, um livro sobre o *Espírito das Leis* e os dois grandes poemas *Colombo* e o *Drama universal*. (JÚNIOR, 1895b, p. 03).

Há uma grande preocupação em informar o leitor sobre a vida do escritor, em virtude da suposição de vínculo entre vida e obra, tal como acontecia com a crítica biográfica do Romantismo, cujas influências sobreviveu, entre os críticos brasileiros, ao discurso da crítica determinista a Taine, veiculada por Silvio Romero no Brasil, que ainda adotava os parâmetros da biografia para explicar fatos da fatura psicológica nas obras dos autores. O recurso biográfico, dessa forma, cuja influência deve-se ao filólogo francês Sainte-Beuve, facilita aos críticos o contato com a obra, um contato sempre indireto, pois o crítico detém-se mais em dados extratextuais do que textuais. Também não se pode esquecer o fato de que o crítico está interessado em montar o perfil de um escritor que não é conhecido pelos leitores. E mostrando ser Campoamor um literato que já exerceu várias funções, escritor, governador, prefeito e subsecretário do ministério da Fazenda, e ainda ter uma formação literária baseada nos mestres do passado, José Carlos Júnior procura dar maior credibilidade à obra do escritor, na tentativa de persuadir o leitor para a leitura.

Ao referir-se a uma das últimas obras de Campoamor tratadas no ensaio, *Los buenos y los sábios*, o crítico diz o seguinte:

[...] é o título do mais realista e pungente da coleção: é a história de... Mas eu estou cometendo um grosseiro crime, de que soem ser vítimas contistas, narradores e... leitores – antecipando-me a destruir a impressão artisticamente preparada pelo escritor na expressão de sua idéia. (JÚNIOR, 1895b, p. 04).

Negando-se a apresentar o resumo da obra, diferentemente do que fez com as anteriores, o ensaísta procura aguçar o interesse do leitor, tendo como intuito levá-lo a ler o livro. Vale lembrar que a Padaria Espiritual tinha como propósito a implementação do processo de circulação literária em Fortaleza, onde existia um incipiente público de leitores, a fim de dar, como eles mesmos diziam, “pão de espírito” ao povo.

Assim, José Carlos Júnior, o padeiro Antônio Sales, autor de *Versos diversos* e *Aves de arribação*, também se situou logo, e situou-se muito bem no meio cearense, que praticava então a crítica literária nos jornais. Sua palavra fácil, seu estilo eloquente, o pendor para o humor facilitaram a sua entrada no jornalismo literário. Nos seus artigos publicados em *O Pão*, o aspecto mais flagrante é a presença do noticiário, em geral textos curtos, informando sobre a obra de um escritor, ressaltando suas características principais ou comentando fatos de sua vida. Em geral, as obras analisadas por Antônio Sales eram enviadas à biblioteca da agremiação pelos seus autores que, de antemão, já sabiam que seus livros receberiam uma apreciação do padeiro. A seção em que seus textos eram publicados, intitulada “Bibliografia”, aparece na segunda fase do jornal e apresenta-se da seguinte maneira: primeiramente aparece o nome da seção, em seguida o nome da obra, do

autor, em alguns casos da editora e o ano de publicação, no formato do seguinte exemplo: “O Coração, poemeto de Rodrigues de Carvalho. – Editor Centro Literário – Fortaleza, 1894.” (SALES, 1895a, p. 05)

Posteriormente a esta referência bibliográfica, seguiam-se as apreciações das obras. Em geral, seus primeiros textos apresentam-se em forma de noticiário literário, assim como ocorria com os textos de outros padeiros. Antes de fazer o exame crítico da obra em apreciação ou mesmo das ideias de seu autor (o que dificilmente ocorria), Sales procurava informar o público de que tratava o livro, que tipo de pessoa era o autor, quais eram as suas opiniões e atitudes, ou seja, prendia-se mais em dados extraliterários do que literários. No artigo dedicado à obra *Um invejado*, de Afonso Celso, que havia sido dedicada à Padaria Espiritual, as informações sobre a pessoa do escritor ocupam a maior parte do artigo. Eis um fragmento:

A vida literária de Afonso Celso tem sido até hoje uma marcha ascencional [sic] em rumo da glória. Aliviado das preocupações políticas, envolvido pelo ambiente vivificante do lar, ele envolveu pela estrada suave da literatura, que sem demora se lhe juncou de flores. A sua pujante fantasia, ao serviço de um estilo firme e elegante, tem explorado diversos veios das letras e em todos faz pingues colheitas de finas gemas. (SALES, 1895b, p. 04).

Em outros casos, as informações sobre a biografia misturavam-se às da obra, como ocorre com o poema *Os pescadores da Taíba*, do padeiro Álvaro Martins:

Foi com verdadeira ansiedade que folheamos este livro de Álvaro Martins, conhecido poeta cearense. Nele encontramos as qualidades predominantes do autor – espontaneidade e sentimento – qualidades apreciáveis e que são as colunas da sua reputação literária. (SALES, 1895c, p. 05).

Geralmente, no final do artigo, após vários parágrafos discorrendo sobre a biografia do escritor, o crítico resolvia referir-se finalmente à obra, quase como um satélite de seus comentários anteriores. Em geral, as informações recaíam na paráfrase, no resumo do livro examinado, como é o caso da obra *As abelhas*, do português Luiz Trigueiros:

O enredo é muito simples: D. João de Melo, moço fidalgo e titular, procura entre as filhas de Eva, abelhas traiçoeiras, uma que o ajude a fabricar o mel do amor. Encontra Beatriz, a quem procura fazer a corte; mas esta se mostra muito arisca, muito esquivada aos seus galanteios [...] (SALES, 1896b, p.08).

Ou, então, o crítico procurava caracterizá-la por meio de uma enxurrada de adjetivos genéricos que evitavam tocá-la, e que serviam apenas para envolver os leitores mais ingênuos:

Foi boa a impressão que nos causou a leitura d'O Coração, onde há formosos alexandrinos e brilhantes imagens. Notamos, entretanto, que o poemeto não tem plano definido, ressentindo-se de uma certa heterogeneidade de concepção. (SALES, 1895a, p. 05).

Apontar falhas textuais também era um recurso muito utilizado pelo padeiro, que passava boa parte de alguns de seus artigos indicando, segundo ele, “expressões incorretas” e “erros de concordância”:

Há aqui e ali expressões que nos parecem incorretas, como sejam – “embriagar-se ao vinho desta dor”, “louca como o sol”, “embriagar-me em vinho” e outras equivalentes. [...] Na poesia – “O coração de um monge” há o seguinte verso com um palpável erro de concordância – “Agora é meu cilício os cravos do mandeirão.” (SALES, 1895a, p. 05).

Por sua vez, escritores consagrados, conhecidos pela linguagem elegante e rebuscada, como é o caso de Coelho Neto, recebiam elogios em tom apoteótico: “Este Brinde é um primor de fina eloquência, com períodos em que a língua portuguesa vibra sonoridades de cristal e despe brilhos radiosos de manhãs rosais e balsâmicas.” (SALES, 1896c, p. 05)

Outra técnica utilizada era abordar uma obra ou seu autor por intermédio de analogias. No artigo sobre a obra *Kermesses*, de Artur Lobo, por exemplo, as informações trazidas pelo crítico são transmitidas por meio de uma referência a Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia:

As reminiscências da forma de Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia ainda são bastante perceptíveis no verso de Artur Lobo, que, em compensação, metrifica corretissimamente, rima com facilidade e elegância e possui um vocabulário rico... (SALES, 1896a, p. 04).

Sua intenção é, portanto, afirmar que não se trata simplesmente de um poeta, mas de um poeta que apresenta semelhanças de forma com escritores renomados do mundo das letras. Ora, os escritores citados, bastante conhecidos pelo público, estavam no auge da fama, seus nomes eram constantemente mencionados em jornais e revistas. Sales, ao estabelecer uma relação de contiguidade entre eles e Artur Lobo, além de valorizar a obra do escritor, também facilita a percepção desta obra por parte dos leitores. A técnica de

abordar um assunto por meio de analogias facilita a percepção da mensagem, na medida em que aproxima conteúdos já sabidos, formas reconhecidas ao novo, que ainda não é conhecido e causa desconfiança por parte dos leitores.

Pelo fato da seção em que publicava seus textos ter como função registrar e comentar todos os livros que eram enviados à biblioteca da agremiação, Antônio Sales não podia dar-se ao luxo de escolher as obras a serem analisadas, à exceção de poucos títulos que foram apreciados por outros padeiros. Desse modo, foi obrigado a escrever sobre tudo e todos, indiscriminadamente, e a falta de seleção leva-o a falar de figuras e obras que, em breve, desapareceriam totalmente do panorama literário. É considerável o número de escritores hoje desconhecidos, de quem se ocupou, e nem sempre para fustigá-los, mas levando-os muitas vezes a sério. Nomes que atualmente, cento e dez anos depois, nada dizem, nada significam, a não ser como agentes do campo literário que ajudaram na consolidação do *habitus* do próprio campo e na sua repercussão no meio social, e que sua atenção de colunista literário deixou registrados nas páginas de *O Pão*, fornecendo, assim, elementos documentais necessários à compreensão da formação do campo literário cearense no século XIX.

Dessa forma, além de informar sobre diversos romances, crônicas e poesias, os “padeiros” também noticiavam a publicação de inúmeras revistas. O “padeiro” Sabino Batista, cujo pseudônimo era Sátiro Alegrete, além de ter sido gerente de *O Pão*, e ter publicado um número considerável de poemas nas colunas do jornal, também foi o responsável por uma seção intitulada “Imprensa literária”, que informava os leitores sobre outros jornais e revistas (não só brasileiras, mas também estrangeiras). Em geral, os artigos, formados por conjuntos de pequenas notas, cujo título era o nome das respectivas revistas, informava aos leitores o local da publicação, quais eram os colaboradores, os artigos mais interessantes. Eis uma dessas notas, sobre a revista *A Semana*:

Os números 74, 75, 76 e 77 que temos à vista estão como sempre – magníficos. Colaboram neles Machado de Assis, Araripe Júnior, Raul Pompéia, Valentim Magalhães, Max Fleiuss, João Ribeiro, José Vicente Sobrinho, Escragnolle Doria e outros literatos de primeiro plano, o que equivale dizer há muito que ler e apreciar na bela revista fluminense. Seria injustiça de nossa parte deixarmos de externar a nossa admiração pelos primorosos tercetos de Machado de Assis – Uma criatura, e pelos bem lançados artigos de crítica de Araripe Júnior sobre D. Martin Garcia Merou. (BATISTA, 1896a, p. 04).

Certos artigos da seção “Imprensa literária” chegaram a informar sobre doze revistas, o que ocupava mais de uma página, algo considerável em se tratando de um jornal que apresentava, no máximo, oito páginas. O intercâmbio realizado entre o jornal cearense e

esses jornais, e que era chefiado pelos “padeiros”, incontestavelmente, foi muito proveitoso, pois além de manter os leitores cearenses informados sobre os assuntos discutidos em várias revistas, também servia como um veículo de propagação do jornal da agremiação.

Sabino Batista também publicou dois artigos numa seção intitulada “Arquivo”, cuja função era informar os leitores sobre os livros, folhetos, revistas, etc., que eram enviados à biblioteca da Padaria Espiritual. Além disso, o padeiro também tecia alguns comentários sobre os volumes, procurando despertar no público o gosto pela leitura. No seu primeiro artigo, informa que foram enviadas as seguintes obras: *Arminhos*, contos de Garcia Redondo; *Ritmos*, versos de Carlos Porto Carreiro; *Virou-se o feitiço*, comédia em folheto de Amâncio Pereira; *Estatutos e relatório*, folheto do Instituto Beneficente do Maranhão; *Calendário Pará 1895*, feito pela agência dos Srs. Weinmann & Comp.<sup>a</sup>, de Santos; dois fascículos da *Revista Trimestral do Instituto do Ceará*; um folheto enviado por Bento Ernesto Júnior sobre a história d’*A imprensa em Minas Gerais*. Para dar uma ideia de como eram feitos os comentários sobre as obras recebidas, será transcrito um deles:

Ritmos. Do Recife recebemos dois volumes do nosso simpático correspondente Carlos Porto Carreiro. É uma interessante coleção de versos enfeixada num volume de mais de 150 páginas onde há verdadeiras produções de valor e de mérito, escritas entre 1879 a 1890. Em um curto prólogo o autor declara que nenhuma vaidade tem de ser tido como poeta [*sic*] e para prevenir a crítica afirma que seu livro aparece para os seus amigos, para os que, de há anos, consigo repartem e dividem as dores, as alegrias e as decepções. (BATISTA, 1895b, p. 06).

Em geral, o crítico tecia algumas considerações sobre a pessoa do autor e, em seguida, passava a descrever a obra por meio de adjetivos genéricos como “interessantíssima”, “original”. Também havia informações sobre o número de páginas, capítulos, contos, versos, e assim por diante. É bem possível que Sabino Batista, entre todos os integrantes da agremiação, fosse um dos de mais extensa erudição, de mais vasta experiência de leitura. Entretanto, toda essa soma de conhecimentos seria mal utilizada, à falta de qualidades propriamente artísticas. A postura de seu espírito crítico foi coerentemente a mesma em todos os momentos, como pôde ser visto pela apreciação de seus textos, em geral noticiários – um espírito conservador, nada criativo que, por ausência de imaginação ou por medo, se deixou comprimir dentro do já experimentado, do já discutido. Sempre que surgia a oportunidade para a discussão de doutrinas, sistemas, escolas, como ocorreu com o Simbolismo, ele se afirmava com desembaraço e quase sempre com lucidez. Porém, o que dependesse de uma apreensão pela sensibilidade ou pela intuição escaparia sempre à sua capacidade crítica.



É claro que muitas vezes observações críticas mais pertinentes surgiam em meio ao palavrório com que se enchiam os textos dos padeiros em forma de noticiário. Aparecem, por exemplo, juízos corretos sobre a composição de um romance ou sobre a ideologia de um determinado movimento literário. Mas são observações que, afinal, afloram quase que naturalmente e de modo que poderíamos dizer até inevitável, tratando-se de homens que se ocupavam diariamente – quase que até mesmo como profissionais – da literatura.

Como formadores de juízos, os padeiros não obtiveram tanto sucesso, mas como mediadores culturais foram extremamente importantes. Deparando-se com um incipiente público de leitores, algo que preocupava e muito os integrantes da agremiação (a falta de “pão para o espírito”), estes críticos, dando continuidade a uma tradição que já se encontra em vários críticos da época, procuraram despertar, por intermédio de seus textos, o interesse do leitor por várias revistas, livros, folhetos, entre outros, utilizando-se de recursos como o noticiário. Sendo assim, fazendo pequenos comentários sobre as publicações mais recentes, aproximando fatos da vida do autor à sua obra, discutindo a respeito da posição do escritor frente aos movimentos literários, divulgando a arte literária em geral, os críticos de *O Pão*, além de alertarem os leitores para a existência de várias obras literárias, também os preparavam para a fruição das mesmas, exercendo o papel indispensável de mediadores culturais.

Por esta razão, o papel desempenhado pelos escritores e homens de letras da *Padaria Espiritual* representou uma etapa muito importante, verdadeiramente crucial, na consolidação do sistema literário cearense e na constituição de um campo literário bastante influente em termos sociais, uma vez que o papel dos escritores e de seus órgãos de difusão letrada, como os periódicos, os saraus, os eventos e as obras, permitiram ao escritor cearense um espaço de reconhecimento e prestígio, o que, nos termos de Bourdieu (1989), vai dar incremento à acumulação do capital simbólico, em termos de *habitus* e também de poder simbólico, uma vez que a literatura passa a ser vista não apenas como instrumento de sociabilidade, mas sobretudo como um meio de projeção social, prestígio e reconhecimento.

Contudo, o movimento dos “padeiros” espirituais, entre outros, não era apenas uma agremiação sisuda de homens de letras do período. Um dos fatores de renovação e modernidade do movimento é que, em seu *Programa de Instalação*, um verdadeiro manifesto artístico e filosófico da *Padaria Espiritual*, constava obrigações que tinham direta relação com determinado estilo de vida boêmio e relativamente iconoclástico dos “padeiros”, como é possível perceber de forma patente no Artigo XIV:

[...] Aquelle que durante uma semana não disser uma pilhéria de espírito, pelo menos fica obrigado a pagar no Sabbado café para todos os colegas. Quem disser uma pilhéria considerada superiormente fina, pode ser

dispensado da multa na semana seguinte [...] (Programa de Instalação da Padaria Espiritual Apud MOTA, 1938, p. 40).

Portanto, como movimento literário singular que foi, a Padaria Espiritual conseguiu, por meio do esforço comum de seus homens de letras e membros, consolidar a permanência e atuação do campo literário na sociedade cearense, bem como efetivou o respectivo sistema literário, uma vez que se preocupou não apenas com a publicação das obras, mas também projetar-se, na medida do possível, ao público leitor do período, sempre em busca de uma linguagem estética capaz de penetração social, a fim de se obter prestígio e reconhecimento e, dessa forma, despertar o interesse por vezes escasso e idiossincrático desta figura delicada e ainda relativamente rara no Brasil: o leitor. Dessa forma, a análise de movimentos de homens de letras como o dos “padeiros” espirituais constitui um *locus* privilegiado de compreensão da produção cultural do Brasil, de fins do século XIX, na busca da própria historicidade de um dos fenômenos culturais mais importantes de todas as sociedades: a literatura.

**Recebido em: 04/08/2017**

**Aprovado em: 16/02/2018**

## NOTAS

---

<sup>1</sup> *Base e superestrutura* são metáforas nascidas da noção arquitetônica de edifício – base (infraestrutura) e superestrutura. As duas noções foram usadas por Marx e Engels para apresentar a ideia de que a estrutura econômica da sociedade (a base ou infraestrutura) condiciona por completo a existência e as formas do Estado e da consciência social. Cf. BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012, p. 38.

<sup>2</sup> De acordo com este conceito estenográfico, adaptado por Bourdieu com base em estudiosos de história da arte, como Erwin Panofsky, *habitus* é uma metáfora que alude, em latim, a um cabedal, um conjunto de aptidões, habilidades e competências intelectuais necessários à entrada em um determinado campo social. Dessa forma, a aquisição de um *habitus* é requisito básico, segundo Bourdieu, ao ingresso no campo, e, uma vez no interior do campo, a acumulação de prestígio e reconhecimento gera, por sua vez, a acumulação do capital simbólico.

## FONTE

O PÃO. Fortaleza, 1892-1896.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Sabino. Imprensa Literária. O Pão, Fortaleza, n° 14, p.05, 1895a.

\_\_\_\_\_. Arquivo. *O Pão*, Fortaleza, n.º15, p.06, 1895b.

BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. Cap. I – V.

CAMINHA, Adolfo. *Cartas literárias*. 2ª. ed. Fortaleza: UFC, 1999.

\_\_\_\_\_. Sabatina. *O Pão*, Fortaleza, n.º 2, p.01, 1892.

CARDOSO, Gleudson Passos. *Padaria espiritual: biscoito fino e travoso*. 2ª. ed. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2002.

JÚNIOR, José Carlos. Campoamor I. *O Pão*, Fortaleza, n.º7, p.04, 1895a

\_\_\_\_\_. Campoamor II. *O Pão*, Fortaleza, n.º8, p.03-04, 1895b.

MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza: Edésio, 1938.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1902. 603 p.

SALES, Antônio. Bibliografia. *O Pão*, Fortaleza, nº 09, 1895a, p. 05.

\_\_\_\_\_. Bibliografia. *O Pão*, Fortaleza, nº 12, 1895b, p. 04.

\_\_\_\_\_. Bibliografia. *O Pão*, Fortaleza, nº 19, 1895c, p. 05.

\_\_\_\_\_. Bibliografia. *O Pão*, Fortaleza, nº 31, 1896a, p. 04.

\_\_\_\_\_. Bibliografia. *O Pão*, Fortaleza, nº 32, 1896b, p. 08.

\_\_\_\_\_. Bibliografia. *O Pão*, Fortaleza, nº 33, 1896c, p. 05.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. Int., cap. I e II.

STUDART, Guilherme (Barão de). *Datas e fatos para a história do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1924.

TINHORÃO, José Ramos. *A província e o naturalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.